

A realidade e a ficção¹

José Carlos Mariátegui

Tradução: Talita J. Rodrigues

273

A fantasia recupera seu posto e suas posições na literatura Ocidental. Oscar Wilde se revela um mestre da estética contemporânea. Seu ensinamento mais recente não está atrelado à sua obra nem à sua vida, mas à sua concepção das coisas e da arte. Vivemos em uma época propícia aos seus paradoxos. Wilde afirmava que a névoa de Londres tinha sido inventada pela pintura. Não é verdade, dizia ele, que a arte imita a natureza, é a natureza que imita a arte. Massimo Bontempelli, recentemente, levou essa tese ao extremo. Segundo uma bizarra teoria bontempelliana, nascida de uma meditação de verão em uma aldeia montanhosa, a Terra na sua primeira idade era quase exclusivamente mineral. Não existia nada além da humanidade e da pedra. A humanidade se alimentava de substâncias minerais. Mas, sua imaginação descobriu os outros dois reinos da natureza. As árvores e os animais foram imaginados pelos artistas. Seres e plantas, depois de terem existido idealmente na arte, começaram a existir realmente na natureza. Preenchido, assim, o planeta, a imaginação do homem começou a criar novas coisas. Apareceram as máquinas. Nasceu a civilização mecânica. A Terra foi eletrificada e mecanizada. Mas, depois que o maquinismo alcançou o seu auge, o processo passou a se repetir de maneira inversa. Minerais, vegetais, máquinas etc. foram reabsorvidos pela natureza. A Terra se petrificou e se mineralizou gradualmente até voltar a seu estado primitivo. Essa evolução aconteceu muitas vezes. Hoje, o mundo está mais uma vez no período da mecânica e do maquinismo.

¹ Publicado em Perricholi: Lima, 25 de março de 1926.

Bontempelli é um dos intelectuais mais em voga na Itália contemporânea. Há alguns anos, quando na literatura italiana dominava o Verismo, seu livro teria tido outro tipo de recepção. Bontempelli, que no início era mais ou menos classicista, não o teria escrito. Hoje, ele é um pirandelliano; no passado, ele teria sido um d'annunziano.

Um d'annunziano? Mas em D'Annunzio nós não encontramos também mais ficção do que realismo? A fantasia de D'Annunzio está mais naquilo que é externo do que naquilo que é interno à sua obra. D'Annunzio vestia de modo fantástico e bizantino os seus romances, mas o esqueleto destes não se diferenciava muito dos romances naturalistas. D'Annunzio tratava de ser aristocrático, mas não se atrevia a ser inverossímil. Pirandello, ao contrário, em um romance despido de adornos e com forma simples, como *O falecido Mattia Pascal*, apresentou um caso que foi imediatamente tachado pela crítica como extraordinário e inverossímil, mas que, anos depois, a vida real acabou reproduzindo fielmente.

274

Na literatura, o realismo nos distanciava da realidade. A experiência realista nos serviu apenas para demonstrar que só é possível encontrar a realidade pelos caminhos da fantasia. E isso produziu o suprarrealismo, que não é somente uma escola ou um movimento da literatura francesa, mas se constitui como uma tendência, uma via da literatura mundial. Suprarrealista é o italiano Pirandello. Suprarrealista é o norte-americano Waldo Frank. Suprarrealista é o russo Boris Pilniak. Não importa que estes trabalharam fora e longe do domínio suprarrealista conduzido, em Paris, por Aragón, Bretón, Eluard e Soupault.

Mas a ficção não é livre. Mais do que nos fazer descobrir o maravilhoso, ela parece destinada a nos revelar o real. A fantasia, quando não nos aproxima da realidade, serve-nos muito pouco. Os filósofos se valem de conceitos falsos para alcançar a verdade. Os literatos usam a ficção com o mesmo objetivo. A fantasia só tem valor quando cria algo real. Esta é a sua limitação. Este é o seu drama.

A morte do velho realismo não prejudicou em nada o conhecimento da realidade. Pelo contrário, o que ela fez foi facilitar esse conhecimento. Assim, fomos libertados de dogmas e de preconceitos que limitavam a realidade. No inverossímil há, muitas vezes, mais verdade e mais humanidade do que no verossímil. No abismo da alma humana, penetra mais fundo uma farsa inverossímil de Pirandello do que uma comédia verossímil do senhor Capus. E *O cornudo magnífico* do genial Fernando Crommelynck vale, certamente, mais do que todo o medíocre teatro francês de adultérios e de divórcios a que pertencem *El Adversario* y *Ña Falena*.

O preconceito do verossímil aparece hoje como um dos que mais tem atrapalhado as artes. Os artistas de espírito mais moderado se colocam violentamente contra ele. “A vida – escreve Pirandello – para todas as descaradas absurdidades, pequenas e grandes, de que está lindamente cheia, tem o inestimável privilégio de poder prescindir daquela verossimilitude a qual a arte se vê obrigada a obedecer. As absurdidades da vida têm necessidade de parecerem verossímeis porque são verdadeiras. Ao contrário das absurdidades da arte que para parecerem verdadeiras têm necessidade de serem verossímeis.”

275

Libertados desse entrave, os artistas podem se aventurar na conquista de novos horizontes. Atualmente, escrevem-se obras que, sem essa liberdade, não seriam possíveis, como *La Jeanne d'Arc* de Joseph Delteil, por exemplo. Nesse romance, Delteil nos apresenta a donzela de Domremy dialogando, de forma ingênua e com naturalidade, com Santa Catalina e Santa Margarida, da mesma forma como se falasse com duas camponesas. O milagre é narrado com a mesma simplicidade, com o mesmo candor de uma fábula para crianças. O inverossímil desse romance não pretende ser verossímil. E é assim, admitindo o milagre – isto é, o maravilhoso –, que nos aproximamos mais da verdade sobre a donzela. O livro de Joseph Delteil nos oferece uma imagem mais verídica e vívida de Joana d'Arc do que o livro de Anatole France.

Desse novo conceito do real, a literatura moderna extrai uma de suas melhores energias. Aquilo que a anarquiza não é a fantasia em si mesma. É

essa exasperação do indivíduo e do subjetivismo que se constitui como um dos sintomas da crise da civilização Ocidental. A raiz de seu mal não deve ser vista no seu excesso de ficções, mas na falta de uma grande ficção que possa ser seu mito e seu guia.